

O Material dos Espíritos: a teoria da umbanda de Pai Joaquim sobre o intercâmbio mediúnico-vibratório através dos corpos energéticos

Lucas Gonçalves Brito²³

Dedicado à Edith Turner, quem, no artigo “The Reality of Spirits” de 1993, questionou se a rejeição do “mundo dos espíritos” com o qual nossos interlocutores nos colocam em relação não corresponderia à recusa da coetaneidade.

Resumo: Para os filhos de Oxalá da Casa de Pai Joaquim (Goiânia – Goiás), o fenômeno mediúnico, seja ele “físico” ou “mental”, acontece através da transmissão de vibrações entre seres intangíveis e pessoas encarnadas. Com o objetivo de compreender essa teoria, apresento a noção nativa de “vibração” – conceituada através da linguagem da física quântica – e a noção nativa da “pessoa” – composta de sete corpos cuja substância é uma energia única modalizada em frequências vibratórias distintas. Argumento que a técnica do processo mediúnico, por meio do qual as pessoas corporificam o sagrado, faz também com que elas próprias transformem-se em “*media*”, ao materializar, junto aos intangíveis, aquilo que Meyer (2014) chamou de “sentido de presença espiritual”. A relevância etnográfica da formulação para o estudo da materialidade nas religiões mediúnicas é evidenciada na mesma medida em que a pessoa-médium torna-se um *aparelho mediúnico* e um instrumento tecnológico. Na umbanda de Pai Joaquim, o Pai Velho, o Caboclo ou o Erê tomam emprestado um dos corpos da pessoa como veículo para manifestar-se, mas isso não implica que ao corpo seja simplesmente imputado um estatuto de objeto, uma vez que o processo de comunicação entre médium e guia espiritual se estabelece sobre uma relação intersubjetiva. Procuo demonstrar, enfim, que a teoria nativa configura a concepção de “incorporação” de modo bastante diverso da ideia que o termo evoca.

Palavras-chave: Mediação; Vibração; Noção de pessoa; Fenômeno Mediúnico; Umbanda.

23 Mestre em Antropologia Social pelo PPGAS/UFG e Doutorando em Antropologia Social pelo PPGAS/UFRGS.

Incorporação é um termo meio equivocado. Mas já é usado há tantos anos, que é difícil você tirar. A ideia é que você sente a energia. Pelos estudos, a gente sabe que o nosso corpo astral vai se expandindo, expandir é a palavra certa e, nessa expansão, o espírito consegue se aproximar do nosso corpo astral e é por isso que a gente sente tanto. E você sente essa energia e é como se tivesse alguém pensando dentro da sua mente. É uma coisa interessante, sabe?! (VITÓRIA, 2016).

Linhas introdutória

Na umbanda de Pai Joaquim, incorporação é um processo distinto da ideia que o termo evoca. O ser intangível – espírito; guia; mentor – não entra (*in*) dentro do corpo (*corpora*) de seu protegido. O médium e a médium têm a faculdade de sentir vibrações sutis que emanam dos seres e, captando tais forças, eles as podem (re)transmitir. Eis aí todo o sentido que os filhos de Oxalá da Casa de Pai Joaquim atribuem à mediunidade, que nada mais é que a faculdade de perceber e transmitir vibrações. É através da mediunidade que os médiuns podem servir como veículos para as manifestações tênues do “plano espiritual”, isto é, da contraparte “quase” não-visível do mundo material em que se movem as pessoas. Dizer “quase” não-visível deve-se aos relatos dos clarividentes.

Para compreender inteiramente tal proposição faz-se necessário descrever alguns aspectos cruciais na epistemologia nativa, a saber, a noção de vibração e a noção de pessoa setenária enquanto elementos ontológicos da umbanda de Pai Joaquim. Busca-se primeiramente apresentar tais noções-chave que fundamentam o processo mediúnico, com o objetivo de, na parte final, esboçar sucintamente uma reflexão teórica sobre as implicações engendradas pela concepção nativa da mediunidade no contexto da ideia

comum acerca da possessão.

Deste modo, elaboro algumas questões concernentes à teoria nativa do fenômeno mediúnico, verificada no Centro Espiritualista de Umbanda Pai Joaquim de Angola, em Goiânia – Goiás, observada através da frequência a todas atividades do Centro, inscrita em notas de campo e confirmada por meio de entrevistas com os filhos e as filhas de Oxalá da Casa de Pai Joaquim.

Vibração

Para os filhos de Oxalá da Casa de Pai Joaquim, Umbanda não é somente religião, mas também uma ciência. Dentro do terreiro é transmitida não só uma episteme, mas também uma epistemologia, a qual inclui técnicas de movimentação de energias e concepções gerais sobre os substratos ontológicos das coisas e dos seres. Esse conhecimento – a que podemos chamar umbanda de Pai Joaquim – é considerado pelas pessoas a um só tempo como Filosofia, Magia, Ciência, Religião e Arte e, como por lá dizem, sua origem remonta às tradições primordiais da Lemúria e da Atlântida, onde era denominado “Aumbandan”, ou Conhecimento Uno. Tal concepção de Umbanda como (busca da) síntese de um conjunto de saberes que conformam o Conhecimento Universal ressoa com certa ideia do esoterismo, segundo a qual as concepções particulares acerca do mundo fundam-se sobre um quadro cosmo-ontológico único, como um grande quebra-cabeça em que cada religião e ciência detém uma peça fragmentária, sem, no entanto, conseguir integrá-la às outras.

As palestras e atividades que presenciei, de fato, coadunavam física, biologia, magia, história e psicologia, articulando conceitos espíritas, católicos e afro-indígenas a princípios filosóficos da maçonaria, do hermetismo, da alquimia, além das práticas energéticas de cunho espiritualista, como a magnetização enquanto técnica de cura. Tendo essa profusão de elementos aparentemente díspares em vista, considero esse conhecimento como uma *epistemologia híbrida*, no sentido latouriano do termo, uma vez que a bricolagem de conteúdos provenientes de contextos tão distintos causa uma colisão, por exemplo, do pressuposto moderno da divisão entre magia, ciência e religião. Neste sentido, parece-me que essa epistemologia híbrida exemplifica muito bem o que Carvalho (2006) chamou de “contra-discurso da modernidade”²⁴ por quê dirige-se para a integração analógica dos conteúdos da experiência em uma totalidade significativa, através de uma lógica que lhe é própria, em vez da fragmentação do mundo em pedaços desconexos ou da

24 O Professor José Jorge de Carvalho – agradeço a ele pela inspiração – considerou a Antropologia e o Esoterismo como dois contra-discursos da modernidade os quais, segundo ele, “se opõem, ainda que por caminhos diversos, ao modelo weberiano de racionalidade instalado no início do século XX e reeditado nas últimas décadas por Jürgen Habermas, que visa separar, como se fossem autônomas, as esferas da ciência, da arte e da moral” (2006: 3). Vejo relação entre a ideia de contra-discurso cunhada por Carvalho e o modo como a teoria da umbanda de Pai Joaquim retoma, de modo completamente inusitado, uma visão de mundo universalista que remonta, pelo menos, ao humanismo filosófico do século XVI ou mesmo ao sentido clássico de paideia.

racionalização redutora.

Dito isto, não será então motivo de espanto observarmos que a noção nativa de vibração é concebida através de uma linguagem da física quântica.

Na umbanda de Pai Joaquim, vibração é o movimento ondulatório de uma energia; a oscilação da onda emitida por uma coisa ou um ser. O substrato ontológico das coisas e dos seres é a energia, que por sua vez se manifesta de formas distintas. Segundo Januário, um filho da Casa, “temos energia vital e espiritual, sendo energia vital adquirida através da água, da terra, do fogo e do ar, ou melhor, do que alimentamos fisicamente. Enquanto a espiritual é tudo que recebemos do plano espacial, através dos nossos chacras” (Notas de campo, 02/05/2016)²⁵

Fundamentalmente una, a energia se modifica, originando outras energias, as quais impregnam todo universo.

A energia cósmica tem muitos nomes, manifesta-se de muitas formas, conquanto seja sempre a mesma, em essência e fundo: akasa, para os hindus; aôr, para os hebreus; tesma, para os hermetistas; azoth, para os alquimistas; força ódica de Reichenbach; força psíquica de Crookes; fluido mesmérico; fluido vital; prana; fluido universal; eletricidade” (Armond 1999: 25).

Quando, em campo, pedi informalmente uma explicação a Silvano, ele respondeu que “tudo é energia. Energia está nas pessoas, nos animais, nas plantas. Energia é a força vital que permite que exista a vida” (Notas de campo, 18/04/2016). Isto quer dizer que todas as coisas e seres compartilham de uma mesma substância ontológica. Se tudo é energia, energia é a substância, mas se a energia *está* nas pessoas, ela é ao mesmo tempo propriedade. A pessoa é constituída de energia e, a um só tempo, emana e distribui essa energia, assim como animais, plantas e coisas são compostas de energia, embora tenham em si modalidades diferentes dessa mesma energia.

O que há de aparentemente estranho ou paradoxal nessa concepção elucida-se ao olharmos para a concepção física de energia, a qual encontrei em um livro chamado *Biologia da Crença*, citado em uma palestra no Centro.

Na fórmula de Einstein, o valor de uma energia específica se deduz através da multiplicação

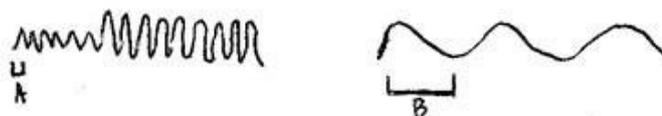
25 As entrevistas e textos indicados pelos filhos de Oxalá da Casa de Pai Joaquim, enquanto elucidações da teoria nativa, são citados como fonte ao final do texto.

da massa de uma partícula pela velocidade da luz ao quadrado ($E=m.c^2$). Uma energia tem, portanto, peso e movimento. O paradoxo da fórmula é que o conceito de matéria (massa) e energia tornam-se intercambiáveis. Se se toma uma folha de papel, colocando-a no microscópio, ver-se-á que as moléculas de celulose que a compõem dividem-se em átomos, os quais, por sua vez, consistem de elétrons, nêutrons e prótons. Essas partículas subatômicas são “vórtices de energia que giram e vibram constantemente” (Lipton 2007: 119). Os átomos que compõem as coisas são, na realidade, energias que vibram. Chega-se à conclusão de que a folha de papel que temos sobre as mãos não é tão sólida quanto parece e que, na verdade, a forma que podemos ver e segurar é um “pacote de energia” (Brennan 2006: 46). Os átomos, que podem ser considerados partículas de matéria também são, a um só tempo, vibrações; energias condensadas.

Outro filho da Casa disse-me, em entrevista, que “tudo é energia, só que cada coisa está numa densidade específica. Você, caderno, plástico, gravador, ouvido, a madeira, tudo é energia modificada” (DAVID, 2015). Una e múltipla, a energia transmuda-se e manifesta-se de maneiras distintas, a depender da “sutileza” ou “densidade” de sua frequência vibratória. Faz-se necessário elucidar em que consiste a frequência.

Em um livro indicado pelos filhos de Oxalá da Casa de Pai Joaquim, observa-se que as energias se movimentam por meio de vibrações. Isto equivale a dizer que cada energia possui um ritmo ou uma frequência. Ou seja, seu movimento, quando ondulatório, é medido pela quantidade de oscilações (ou vibrações) dessa onda por segundo, sendo que essa quantidade é a frequência vibratória. O estado de uma energia é devido à sua frequência.

Figura 1. Ondas.



Fonte: Adaptado de Pastorino (1969: 14).

Na figura 1, temos, à esquerda, uma onda oscilando rapidamente. Sabemos disso observando que o comprimento da onda (A) é curto. Na onda da direita, temos uma oscilação cujo comprimento de onda (B) é extenso. Enquanto a primeira tem uma frequência vibratória elevada, a segunda tem uma frequência vibratória vagarosa. Quanto maior a frequência, maior a velocidade e a sutileza de uma energia. Quanto menor a frequência, maior a densidade da energia. As coisas e seres intangíveis são categorizados como “sutis”. As coisas e seres materiais são categorizados como “densos”. É interessante notar que os pensamentos e sentimentos que as pessoas e os seres intangíveis emitem também são categorizados de acordo com a frequência vibratória. Sentimentos de amor, paz, altruísmo, perdão e gratidão são “leves”, “elevados” e “superiores” e sentimentos de ódio, raiva, egoísmo e rancor são “pesados” e “inferiores”.

Ao contrário do que poderia parecer, as coisas e seres não são simplesmente inseridos em uma moldura binária ou maniqueísta. Uma vez que a energia que sustem o cosmos é una, há aqui um monismo ontológico – subjacente à concepção de que “tudo é energia” – convivendo com um dualismo epistemológico comum ao pensamento científico ocidental.

É interessante notar que outros pesquisadores apontaram hipóteses semelhantes em outros contextos. No espiritismo, por exemplo, Chiesa (2014) pôde observar uma percepção monista “que confere ao espírito (pensamento, mente ou consciência) o verdadeiro substrato do universo e de toda a realidade física” (17). No candomblé, Goldman (2005) também observou uma ontologia monista, na qual os animais, plantas e humanos provêm e participam de uma energia chamada *axé*, que se transmuda através de “um processo simultâneo de concretização, diversificação e individualização”, constituindo “tudo o que pode existir no universo” (110). O monismo da

umbanda de Pai Joaquim parece ressoar com ambas as concepções, uma vez que o material etnográfico que reuni através de minhas próprias notas e entrevistas se inserem no quadro de uma epistemologia híbrida.

Cabe reter que assim como seres e coisas são compostos de átomos e, em última análise, de energias e vibrações, as pessoas e seres intangíveis também emitem e recebem energias e vibrações, seja por meio de sentimentos ou pensamentos. É essa capacidade de emissão e recepção de vibrações que fundamenta a técnica da mediunidade. Entretanto, para interpretá-la inteiramente, devemos ainda nos deter na concepção dos corpos da pessoa.

A pessoa e os sete corpos sutis

O corpo é a veste do espírito. Você precisa vestir esse corpo por que se não você anda nu. Para você se proteger do frio, do tempo, do clima, você veste um agasalho. Você tem um corpo que é o espírito. Ele precisa se manifestar, ele precisa ser visualizado, mas para ver os outros corpos, o corpo divino, por exemplo, só se você tiver vidência, se você tiver preparo para ver por que aí você vai ver simplesmente uma fagulha (IRIEL, 2016).

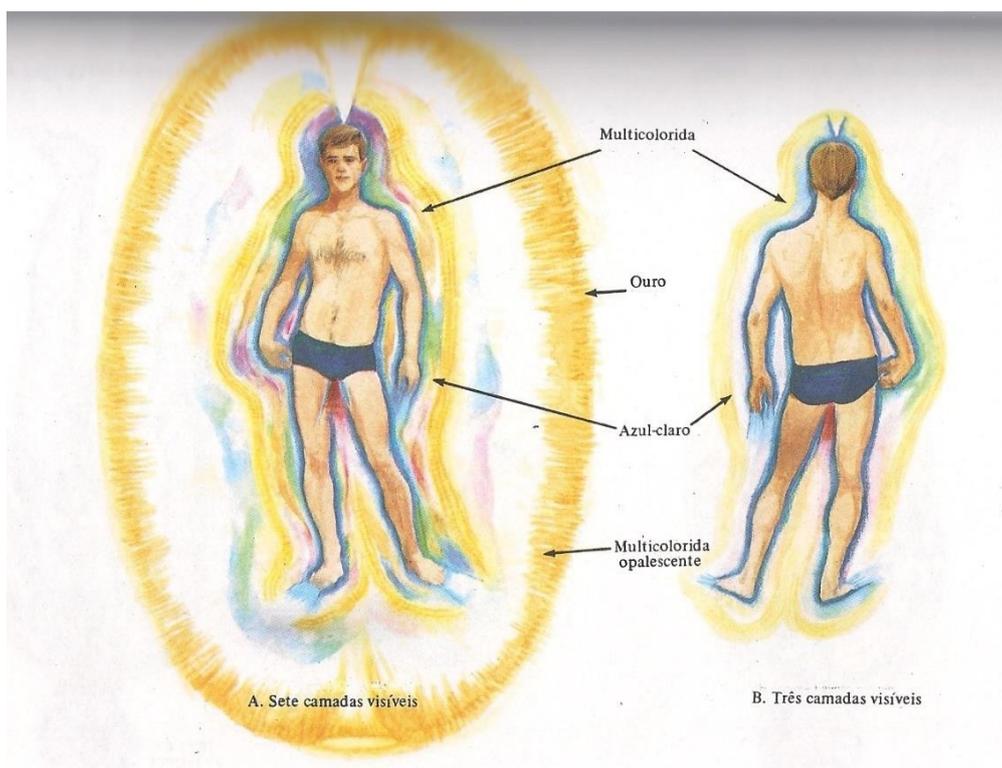
Camadas de energia – eis tudo o que os corpos da pessoa são.

Na umbanda de Pai Joaquim, há uma concepção da pessoa como constituída de sete corpos. Tais corpos da pessoa são considerados como compartilhando de uma mesma energia única que se modifica em frequências vibratórias distintas. Em outras palavras, a pessoa possui sete corpos cuja substância é energia. Assim como as moléculas da água conjugam-se diferentemente e apresentam-se nos estados sólido, líquido e gasoso, a energia dos corpos transmuda-se.

Cada corpo vibra em um ritmo e frequência distinta. Eles têm frequências vibratórias que variam da mais vagarosa à mais rápida e isto configura alguns corpos como mais “densos” e outros como mais “sutis”. É daí que surge a denominação “corpos sutis” – aqueles cujas vibrações têm frequência tão acelerada que se torna impossível percebê-los através dos sentidos inerentes ao corpo físico. O corpo físico é também chamado “corpo denso” e “corpo material”. Para além deste, há o corpo etérico (ou duplo etérico, a depender da fonte textual citada pelos filhos de Oxalá da Casa de Pai Joaquim); o corpo astral; o corpo mental inferior; o corpo mental superior; o corpo

búdico e o corpo átmico, sendo esses últimos caracterizados por vibrações tão elevadas e sutis que qualquer tentativa de descrição escapa às palavras.

Figura 2. Os sete corpos da pessoa.



Fonte: Brennan (2006: 81).

Todos os corpos formam certa unidade e interagem de modo a possibilitar que o “ser espiritual” viva suas múltiplas encarnações através dos anos, em busca de um ideal evolutivo. Esta ideia de evolução ressoa com o espiritismo, configurando quase que uma linha unilinear de desenvolvimento. No entanto, a linguagem espiritualista da umbanda de Pai Joaquim concerne muito mais – como dito – a uma busca de síntese de concepções aparentemente extraídas de contextos culturais muito distintos, ainda que análogas.

Assim, as encarnações sucessivas do “espírito” – entendido como o princípio consciente que anima todos os corpos – são, em alguns momentos, explicadas nos termos hindus da “roda do carma”, a qual é uma noção fundamentalmente cíclica. O que cabe reter é que nas encarnações do



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

espírito em “vidas” diferentes, o que muda são os corpos físicos nos quais habita o espírito. A pessoa, assim compreendida, é um ser espiritual que se expressa no mundo através de um corpo físico e que possui outros corpos, todos eles energéticos.

A noção dessa pessoa setenária também postula certa troca de energias entre os corpos através de “rodas de energia” e “centros energéticos” também chamados “chacras”. Os chacras permitem a comunicação entre os corpos. Assim como são sete os corpos também são sete os chacras, tendo cada um deles ligação direta com uma glândula do corpo físico e também com uma região – o chacra cardíaco, por exemplo teria relação direta com o coração e com o timo (ver tabela).

A relação entre chacras, glândulas e regiões do corpo conduz à teoria da umbanda de Pai Joaquim sobre o processo da doença e da cura e não cabe inserir aqui extensamente tal material etnográfico. Mas, de modo ainda que bastante sucinto, poder-se-ia apenas pontuar que a doença é vista como um processo de desequilíbrio de energias que deveriam circular através dos chacras e irrigar certo órgão ou região do corpo físico. O sentimento de rancor, por exemplo, cujas vibrações vagarosas o caracterizam como uma energia negativa, emperram o movimento comum ao chacra cardíaco e isso pode trazer consequências físicas no corpo mais denso. Esse tipo de visão espiritualista da doença como processo cuja patologia é um efeito de uma causa intangível ressoa com práticas de cuidado fundadas sobre o que se chama hoje terapias integrativas ou até mesmo de “medicina espiritual” (Chiesa 2014).

Chacra	Localização	Glândula endócrina
Coronário	Alto da cabeça	Pineal (Epífise)
Frontal	Centro da cabeça	Pituitária (Hipófise)
Laríngeo	Garganta	Tireoide e Paratireoide
Cardíaco	Coração	Timo
Esplênico	Região Umbilical	Baço
Solar	Estômago	Pâncreas
Básico/Genésico	Base da Coluna	Gônadas/Suprarrenais

Na epistemologia nativa, assim como os encarnados têm seus corpos, os seres intangíveis também os possuem. Porém, os intangíveis não podem ser vistos justamente por lhes faltarem o

corpo físico e o duplo etérico, os corpos mais densos da pessoa. Assim, eles apresentam o corpo astral e todos os outros que, em decorrência de sua leve vibração, possibilitam aos intangíveis mover-se com muito mais facilidade de um lugar a outro. Esse dinamismo característico dos intangíveis que se movimentam no mundo espiritual estabelece uma inversão de perspectiva – os seres espirituais desencarnados não estão mortos, mas vivos, de modo que se poderia mesmo dizer que são eles quem vivem “a verdadeira vida”, enquanto a maioria dos “vivos” encarnados estão, assim, “mortos” ou dormindo para a realidade espiritual. Poucos encarnados estão despertados para ver a vida numênica além da morte aparente. Enquanto os desencarnados veem aos vivos como mortos, muitos encarnados veem os mortos como mortos e poucos encarnados veem a si mesmos como vivos no sentido de asseverarem a sua imortalidade.

Ora, tendo compreendido a complexidade dessa noção de pessoa, Podemos descrever agora a técnica básica do processo mediúnico.

A mediunidade e a técnica do intercâmbio mediúnico

Na umbanda de Pai Joaquim, o preto-velho, a criança e o caboclo que se manifestam durante as sessões fazem parte de um conjunto de seres intangíveis que atuam dentro do movimento umbandista, o qual tem como objetivo reinserir no Brasil e no mundo saberes que permitam aos seres – encarnados e desencarnados – que aqui habitam a compreensão de aspectos espirituais fundamentais, como o auxílio mútuo, o respeito, a humildade, o equilíbrio, a paz, a fraternidade e o amor. A singeleza desses termos vela profunda significação, uma vez que tais elementos podem propiciar profundas transformações mundiais. Além disso, essa sabedoria vincula-se a uma ética da vida, que, acredita-se, possibilita às pessoas viverem segundo as correntes cósmicas mais elevadas sem, no entanto, impor-se a quem quer que seja.

A mediunidade surge neste contexto de construção de um mundo mais ameno e pacífico. A cada lágrima enxugada de uma pessoa oprimida pelas injustiças, discriminações e desigualdades que a vida cotidiana apresenta, o ser intangível e o médium compreendem o sentido do serviço altruísta no alívio do sofrimento, mas também têm a chance de purificarem-se de suas faltas cometidas em outros momentos e em outras encarnações, nas quais ambos, médium e guia espiritual, contribuíram para a manutenção

do *status quo* no mundo. Ouvi muitos médiuns falando das “dívidas” que trazem em sua bagagem espiritual.

Neste sentido, a relação entre o guia espiritual e o médium pode configurar uma espécie de “resgate” de ambos através de uma prática de aprendizado. De uma perspectiva cosmológica, cada pessoa tem que arcar com as consequências de seus atos. O sentido dessa ideia de que “quem planta, colhe” se resume em um aforismo – “A sementeira é livre, mas a colheita obrigatória” – o qual não se baseia simplesmente em uma causalidade mecânica, mas insere o ser humano dentro de um quadro de responsabilidade por suas escolhas. Não se trata de classificar más ou boas ações, remetendo o aforismo ao que tenho chamado de *matriz dualística do pensamento ocidental*. Cabe apenas observar que a pessoa-médium traz pesadas obrigações para consigo mesma, no que tange aos efeitos de suas próprias escolhas, aos quais somente ela poderá responder.

Enquanto estive no campo, recebi permissão para observar o curso de desenvolvimento mediúnico e pude registrar que, segundo a teoria da umbanda de Pai Joaquim, toda pessoa tem a capacidade de perceber vibrações sutis, espirituais, intangíveis. Entretanto, médiuns, devido ao seu pesado “carma”, são preparados antes de sua encarnação para sentirem agudamente essas vibrações e colocar-se como intermediários entre o nível material no qual vivem as pessoas encarnadas e o nível sutil no qual vivem os desencarnados. Esta percepção sensorial sutil é possível por quê o corpo físico tem duas glândulas – a pituitária e a pineal; hipófise e epífise – que estão ligadas ao cérebro e aos chacras coronário e frontal, localizados respectivamente no topo da cabeça e entre as sobrancelhas. Tais glândulas conferem ao cérebro a capacidade de emitir e captar vibrações e ondas, assim como um aparelho de rádio.

Toda e qualquer idéia ou pensamento do espírito é transmitido vibracionalmente e recebido pela pineal, e através dela é comunicado aos neurônios cerebrais que então a transmitem ao resto do corpo, agindo sobre os centros da fala, dos braços, pernas, etc. Inversamente, tudo o que fere os nervos ópticos, auditivos, olfativos, gustativos, tácteis, etc., é levado aos neurônios, que o fazem chegar à pineal e daí então é transmitido por meio de ondas-pensamento ao espírito (PASTORINO, 1969, p. 40-1).

A comunicação entre o espírito (também chamado guia espiritual ou mentor) e a pessoa encarnada funda-se sobre a transmissão de vibrações através do chacra coronário e da glândula pineal. No intercâmbio mediúnico, o ser intangível aproxima-se do médium, então em estado receptivo, e cria-se uma sintonia entre ambos. O intangível aproxima seu corpo astral do corpo

astral do médium e transmite seus pensamentos ao chacra coronário do médium, que absorve as vibrações e retransmite ao cérebro, o qual, por sua vez, impele, através do sistema nervoso do médium, a movimentação da força motriz que resulta na fala e no gesto que se manifesta no corpo físico do médium.

Para enviar uma mensagem ao seu guia, a/o médium faz o caminho inverso. Ele formula um pensamento e o emite através do cérebro, o qual envia o pensamento através da pineal e do chacra coronário, retransmitindo ao guia espiritual os estímulos vibratórios que o permitirão assimilar o conteúdo da mensagem.

Existem, claro, categorias distintas de médiuns – audientes, escreventes, videntes, intuitivos e aqueles que manifestam fisicamente a presença dos espíritos através da mecânica da “incorporação”. Não obstante a diversidade de modos de intercâmbio mediúnico, uma vez que cada pessoa antes de encarnar traz em si uma ou várias delas, uma questão se releva quanto ao maior ou menor grau de consciência do médium durante o processo.

No que concerne a este grau de consciência, em um compêndio de textos espiritualistas usado nos cursos formativos da Casa, a umbanda de Pai Joaquim classifica a mediunidade em três fases: a consciente, a semiconsciente e a inconsciente, as quais caracterizam uma maior ou menor interferência do médium durante o intercâmbio vibratório de mensagens com o guia espiritual.

O médium inconsciente é o mais raro, pois seu corpo astral se afasta do corpo físico e a aproximação do espírito é tão grande que a irradiação da volição deste último quase anula a do primeiro. Seria esta modalidade a que mais propriamente se aproximaria da ideia de incorporação. Durante o processo, o médium não tem consciência da mensagem que está sendo transmitida por intermédio de seu próprio aparelho fonador. Mas, apesar de que, ao sair do transe, o médium não lembra de nada da mensagem, isto não significa que ele não saiba o que está acontecendo com o seu corpo. Este aspecto sutil coloca o médium inconsciente como inteiramente responsável pelo seu próprio corpo físico. Somente o médium pode permitir a aproximação. Ele deverá saber com quem está lidando e ter cautela em relação ao lugar em que está acontecendo a comunicação. Uma comunicação jamais poderia acontecer sem o seu consentimento, uma vez que se trata de dois seres volitivos realizando o intercâmbio em prol de um objetivo em comum, não por ostentação ou por qualquer motivo frívolo, os quais, quando verificados, colocam em risco o médium e tornam duvidosas as suas manifestações.

O médium em que se verifica a comunicação em uma fase semiconsciente, tem, durante o intercâmbio, uma exteriorização parcial do seu corpo astral. Isto significa que seu corpo astral se afasta ligeiramente do corpo etérico e do corpo físico. A transmissão vibratória dos pensamentos através do chacra coronário acontece da mesma forma que as outras modalidades – o espírito comunicante emite seus pensamentos e estímulos vibratórios, captados pelo centro intelectual do médium e transmitido do corpo astral ao corpo físico, manifestando-se através de palavras e gestos – mas o médium semiconsciente apresenta a especificidade de apenas tomar consciência dos pensamentos do espírito à medida que chegam ao cérebro. Neste momento, caberá ao médium observar atentamente qual é a intencionalidade e o teor vibratório dos pensamentos. Se for um pensamento negativo, denso, causará impressões desagradáveis. Se for um pensamento altruístico, amoroso, pacífico, causará impressões evocando serenidade. As vibrações serão sentidas, de todo modo, e caberá ao ou à médium percebê-las.

O médium consciente sabe plenamente o que está acontecendo, inclusive moldando a mensagem do espírito de acordo com seu conhecimento e vocabulário. Esta modalidade exige do médium um estudo e análise contínuos, pois aqui ele ou ela serão como que intérpretes ou “tradutores” do conteúdo da mensagem. A interferência do médium é geralmente deixada à mostra quando aspectos de sua própria experiência aparecem durante a comunicação, como gestos miúdos ou expressões faciais e linguagem própria.

Vitória, uma filha de Oxalá da Casa de Pai Joaquim que estava em desenvolvimento mediúnico, expressou em entrevista algumas dúvidas que surgem no processo de comunicação mediúnica, no que tange à medida de sua interferência, uma vez que ela é consciente.

Quando eu entrei no desenvolvimento, eu só suava muito as mãos. Minhas mãos, quando eu estou trabalhando, ficam muito quentes ou muito frias. E era o que eu sentia. Às vezes um arrepio, alguma coisa. De uns dois anos para cá que eu realmente comecei a sentir presenças e aí foi um processo por que eu sou uma pessoa muito... desconfiada, vamos dizer assim. E eu não queria aceitar. Não era que eu não queria aceitar, eu ficava achando que era coisa da minha cabeça (VITÓRIA, 2016).

Autorreflexiva, Vitória me parecia uma umbandista estudiosa, curiosa e questionadora. Um exemplo, talvez, de muitos médiuns na Casa de Pai Joaquim. Quando começou a desenvolver sua mediunidade, ela pouco sentia além do suor e frio nas mãos. Entretanto, depois de dois anos, ela começou a perceber algo diferente. Na Casa de Pai Joaquim, uma pessoa que queira trabalhar como

médium deve preparar-se e essa preparação nem sempre e raras vezes acontece rapidamente. Mas todas as sessões de

estudo e desenvolvimento prático que Vitória frequentou não foram ainda suficientes para dissipar suas dúvidas.

Na verdade, eu tenho até hoje, dúvida. E um dia a dirigente do trabalho me deu uma orientação que achei muito fantástica. Ela falou assim: “O preto velho quer andar, anda. Preto-velho quer sentar, senta”. Eu falei assim: “Como é que eu sei se sou eu ou se é ele mesmo?”. Ela falou assim: “Cê vai tá sentada lá no toco. Se você achar que é você, levanta”. Um dia eu tentei, não consegui levantar. Aí eu falei: “Ah, não sou eu”. Por que a gente nesse início de comunicação, a nossa presença é grande demais. Por que a gente é muito consciente. Então, como a minha presença é muito grande, eu fico com muita dúvida do que que é meu e o que que não é. E eu, como eu sou muito desconfiada, eu questiono o tempo inteiro. Isso às vezes até atrapalha a comunicação, por que eu começo a questionar tanto que perco a sintonia. Mas eu já estou aprendendo a permitir mais (VITÓRIA, 2016).

O receio de influenciar muito a comunicação com as ideias que lhe são próprias conduz Vitória a interromper a “sintonia”. Existe uma sintonia que se estabelece através do desenvolvimento mediúnico, no qual tanto espírito como médium adaptam-se às vibrações dos corpos um do outro e existe um vínculo fluídico estabelecido durante o processo de comunicação. Este, basicamente, consiste na concentração por parte do médium e a elevação da frequência vibratória de seus corpos para a afinização de seu guia espiritual, como se ambos estivessem emitindo e recebendo ondas na frequência de uma mesma estação de rádio (ou de um canal de TV).

Médium, media, incorporação, corporificação

Em uma quarta-feira, o trabalho de desenvolvimento mediúnico regularmente começou às oito horas da noite. Aproximadamente às oito horas e quarenta minutos, estavam dentro do terreiro, pés descalços, roupa branca e já haviam realizado a abertura com a prece, com o acendimento de três velas e com a oração de São Francisco. Vemo- los, filhos e filhas de Oxalá da Casa de Pai Joaquim, cantando os seguintes versos:



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Levanta cedo, zi fio

Se quer com pretos caminhar É devagar,
é devagarinho

Quem caminha com preto-velho Nunca
fica no caminho.

Em círculo, corpo físico voltado para o altar, estavam todos. Vitória, concentrando sua mente através do cântico do ponto, chamava para próximo de si a presença de seu guia espiritual. Ela, elevando a tonalidade vibratória de seus pensamentos e sentimentos e, conseqüentemente, de seus corpos, sentiu uma força impelindo sua cintura. Era o preto-velho, seu companheiro e protetor, emitindo levemente suas vibrações através da aproximação de seu corpo astral ao corpo astral da médium. O ponto cantado auxiliou a ambos criar um vínculo energético e, de repente, Vitória curvou a cintura. Prontamente foi auxiliada pela dirigente do trabalho, que deixou Vitória sentada no toquinho. Ali, o corpo físico de Vitória balouçava para frente e para trás, lentamente. Delicadamente, o preto-velho irradiava seus movimentos, que se materializavam no corpo físico de Vitória por meio de ressonância vibratória. A dirigente do trabalho, Márcia, ia de banquinho em banquinho saudando os pretos-velhos ali presentes junto com os médiuns. Márcia estacou na frente do corpo físico de Vitória, curvada com uma bengala curta sob as mãos. Um estímulo vibratório do guia espiritual, captado pelo chacra coronário, foi retransmitido para cérebro. O sistema nervoso central, através das fibras motrizes que comandam o aparelho fonador, acionou as cordas vocálicas; o lábio de Vitória pareceu ter-se mexido ligeiramente. Era talvez um pensamento que não se materializou na fala, por que Vitória não o permitiu.

O intercâmbio mediúnico, como o concebem os filhos de Oxalá da Casa de Pai Joaquim, acontece através de um tipo de diálogo entre duas pessoas. Pudemos conferir a existência de diferentes modalidades de comunicação e, muito embora também uma delas – mediunidade semiconsciente – chame-se “incorporação”, vimos que o termo é equivocado, pois conota uma concepção alheia ao próprio mecanismo do processo mediúnico.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

O corpo do médium não pode aqui ser encarado simplesmente como objeto, mas antes – para usar o termo de Csordas (1990) – como “o terreno existencial” de uma experiência culturalmente localizada. Não obstante o corpo físico do médium experiencie ativa e momentaneamente um estado de receptividade à intencionalidade de outro ente, isto não implica que simplesmente seu corpo se transforme em um objeto.

Tomando a hipótese de que o corpo do médium se torna, durante a comunicação mediúnica, uma “coisa” para os espíritos, poder-se-ia então considerar o corpo um “material” no sentido que Ingold (2007) atribui à palavra. Se o corpo tem substância (átomos) e superfície (circunferências e extremidades da pele), circundadas pelo ambiente, ele reúne as características de um material. Se considerarmos o “corpo físico” como “material”, atribuir-se-á o estatuto de sujeito a um outro ente que não o próprio corpo do médium? Qual seria então o ente que age através, por intermédio e tendo como veículo o corpo do médium? O corpo astral ou a mente do guia espiritual? A impressão que assoma é de que retornaríamos assim à dualidade mente/corpo, à descontinuidade clássica entre natureza e cultura, remetendo o binarismo para além do mundo físico.

A questão é que a noção de pessoa na umbanda de Pai Joaquim colide o pensamento maniqueísta que divide o ser humano em corpo e alma. Trata-se, no caso, de um monismo ontológico que postula a unidade dos sete corpos que formam a pessoa. Se o corpo físico do médium é material dos espíritos, isso não acontece simplesmente transformando-o em objeto. Distintamente, a pessoa continua sujeito, emprestando seu corpo como veículo ao ser intangível, para que este, atuando através daquele, manifeste as suas vibrações no plano material da vida; a relação mediúnica parece mais uma relação intersubjetiva que uma relação objetificadora do médium. O corpo físico do médium torna-se um material, momentaneamente receptivo, atento e, ao mesmo tempo, o médium está no controle metódico de uma técnica. Essa teoria nativa do processo mediúnico colide não só o binômio corpo/mente e a dicotomia análoga corpo/alma, mas também a dualidade sujeito/objeto.

Os filhos de Oxalá na Casa de Pai Joaquim também chamam os médiuns de “aparelhos mediúnicos”. Porém, uma vez que o médium continua presente, também é adequado dizer que a pessoa tem um aparelho mediúnico, o qual consiste da glândula pineal e da pituitária (epífise e hipófise), vinculadas ao cérebro e aos chacras coronário e frontal, bem como ligadas a todo sistema nervoso presente no corpo físico e aos plexos do corpo etérico e do corpo astral. Além de uma

técnica, há aqui uma tecnologia na qual o médium coloca-se como aparelho, consciente; o corpo físico torna-se um instrumento tecnológico.

Uma vez que enfoco aqui uma teoria nativa específica, não me cabe elaborar generalizações ou comparações muito esquemáticas em um quadro sintético das abordagens do transe, da possessão ou da incorporação. De modo mais circunscrito, interessa-me, neste passo, apenas apontar em que medida a concepção nativa da incorporação – embora obviamente não desqualifique outras – implica uma cautela enorme justamente em relação a uma tentativa de generalização de uma noção de incorporação, possessão ou transe específica para contextos outros ainda mais particulares.

Deste modo, a concepção, também problematizada por Rabelo (2008: 95), segundo a qual “a pessoa não é tida como responsável por sua ação durante a possessão”, mas que é “a divindade ou o espírito que detém o controle sobre o corpo da médium” apresenta-se incompatível com o conhecimento que pude inscrever acerca das relações entre a agência da divindade e a agência da/o médium. Sob o aspecto em questão, Rabelo formula que “a possessão é um meio eficaz para a construção da agência, particularmente entre grupos subalternos”, mas que “esta é também uma experiência de sujeição aos ditames de um outro” (idem, *ibidem*).

A teoria da umbanda de Pai Joaquim sobre o intercâmbio mediúnico não resolve esse paradoxo de uma experiência de “agência sujeitada”, mas devolve ao médium a responsabilidade por si mesmo em qualquer processo mediúnico e distribui a agência entre os sujeitos envolvidos. Os três graus de consciência durante o processo mediúnico acima descritos – fase consciente, semiconsciente e inconsciente – complexificam essa questão. Primeiramente, apenas o médium inconsciente, que é um tipo raro, tem sua agência submetida mais inteiramente ao controle de um outro. Em segundo lugar, mesmo os processos mediúnicos inconscientes são, conforme a teoria nativa, marcados pela relativa atenção do médium. Cabe salientar que esses “graus de consciência” não indicam estados psíquicos patológicos, mas se referem a retenção pela/o médium do conteúdo da mensagem que está sendo transmitida através de seu “aparelho mediúnico”.

A técnica básica do intercâmbio mediúnico pode ser compreendida como uma “forma sensacional” através da qual guia espiritual e médium fabricam “um sentido de presença espiritual”. Esta noção se refere às “sensações corporais, imaginações, atos e *media* religiosos no contexto de uma tradição ou grupo religiosos” as quais apresentam o duplo aspecto de “facilitar ou moldar a



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

mediação religiosa e de alcançar certos efeitos ao serem performadas” (Meyer 2014: 26, tradução nossa). A comunicação mediúnica reúne alguns desses elementos: a) sensações corporais como arrepios, coração disparado, frio e calor nas mãos; b) atos, exemplificados pela concentração, meditação, oração, cântico dos pontos como meio de alcançar c) efeitos, tais como a sintonização de vibrações do médium e do guia em uma frequência semelhante e o curvar da cintura do corpo físico do médium. O corpo físico e os outros corpos do médium se tornam *media* durante a atuação conjunta com os espíritos através de uma técnica que implica uma relação de diálogo entre dois seres experienciando conscientes uma troca de mensagens, informações e vibrações.

Na umbanda de Pai Joaquim, a performance que acompanha o processo de “incorporação” não é somente a linguagem que atualiza, ou “cria” o guia espiritual, “latente” em um âmbito pré-dado ou simbólico, manifestado durante o processo, ou “fabricado” durante a incorporação. Fabricação aqui não conota invenção; a materialização da presença do guia espiritual, se observada da perspectiva do ateísmo metodológico, impede a compreensão da teoria nativa. Na umbanda de Pai Joaquim, os seres intangíveis vivem, movem-se, sentem e comunicam-se entre eles e com os humanos, através de médiuns; eles agem, influenciam e, conscientes, expressam sua volição e intencionalidade, tanto no mundo material como no mundo espiritual. Os intangíveis são pessoas sem corpo físico, mas ainda permanecem com seus corpos astral, mental, búdico.

Quando se fala em “incorporação”, evoca-se a técnica do intercâmbio mediúnico como uma relação entre o que está dentro e fora dos limites do corpo do médium. Colocar o espírito comunicante como habitante do corpo do médium talvez seria uma saída fácil para o problema do estatuto ôntico que as pessoas atribuem ao espírito. Se apenas um fenômeno inerente ao sujeito, a reflexão sobre o intercâmbio mediúnico (ou incorporação como comumente se nomeia) escaparia do questionamento da realidade intangível que as pessoas sentem – uma solução positivista para uma indagação que poderia exigir deslocamentos substantivos de pressupostos do pensamento modernista. É, claro, compreensível que não queiramos abrir mão do chão que sustenta nossas andanças ou que receemos deixar as rotas estabelecidas, sequer momentaneamente, para navegar por águas desconhecidas, arriscando-nos ficar à deriva. Também é compreensível que observar como a luz ou o tempo ou buracos negros funcionam pareça mais científico para alguns do que solapar suas certezas perguntando-se o que eles são.

Linhas finais

Neste texto, busquei conjugar alguns elementos da umbanda de Pai Joaquim enquanto epistemologia híbrida, revelando uma complexidade que abre profícuas trilhas para o estudo das umbandas enquanto conhecimento. Está, penso, demonstrado que há um conhecimento umbandista configurando um conjunto de técnicas e tecnologias esperando por uma atenção mais detida.

Apresentei a noção de vibração e a noção de pessoa setenária as quais, por mais que as tenha traduzido e elaborado seus principais postulados, ainda parecem um tanto quanto opacas. A chave para sua compreensão está no exercício de saída da matriz dualística do pensamento ocidental, excessivamente linear. Sem a crítica da aparente dicotomização dos conteúdos da experiência vivida, sempre estaremos pensando em termos de oposição, separação e hierarquização das coisas e seres através de pares de opostos, continuando a reproduzir que um modo de conhecer é mais importante que outro.

Ao focar o intercâmbio mediúnico de vibrações, desvelei a concepção nativa sobre a técnica da incorporação enquanto um processo de mediação através da corporificação do sagrado. Neste sentido, as *causas* do intercâmbio mediúnico foram elucidadas através das próprias ideias dos filhos de Oxalá da Casa de Pai Joaquim, expressa em aforismos e premissas cosmo-ontológicas reflexivas. A descrição do processo relevou mais a fabricação que o produto. Entretanto, este procedimento não parece ter impedido observar os *efeitos* das “entidades”, ou explorar, como Espírito Santo e Blanes (2014) metodologicamente sugeriram, os efeitos da agência dos intangíveis – os quais apareceram aqui como os efeitos corporificados através da mediação.

Isto aconteceu por quê encaro a epistemologia nativa como coerente em si mesma, sem considerar os espíritos/guias/mentores espirituais como produzidos por meio de uma *performance*. Os efeitos que os intangíveis causam junto aos médiuns deixam de aparecer como extra-sensoriais, uma vez que o corpo físico também experiencia e sente tais efeitos. Essa percepção concreta possibilitou às pessoas narrarem sua experiência e conhecimento vividos, os quais pude então registrar textualmente. É evidente que a linguagem não consegue abranger toda a complexidade da experiência vivida e que a narrativa não corresponde inteiramente ao que foi experienciado – como Bruner e Turner (1986) nos ensinam. Entretanto, não há dúvida de que a narrativa pode ser considerada a expressão da experiência vivida. De todo modo, estou certo de que as filhas e os filhos de Oxalá da Casa de Pai Joaquim tomam muito a sério a mediunidade, como um dever

sagrado.

Respeitando o quê na umbanda de Pai Joaquim se considera ontologicamente veraz, este registro, portanto, buscou escapar de um empirismo que imputa às coisas estatuto de verdade a partir da suposta positividade de sua aparição/observação/aferição. De todo modo, essas questões, abertas por epistemes outras, exigem sensibilidade das/os pesquisadoras/es às vibrações sutis que embaralham pressupostos do pensamento modernista e que talvez se encontrem entre os intrincados desafios de “como entender e integrar a alteridade perceptiva e sensorial na prática da antropologia e das outras humanidades” (Espírito Santo e Blanes 2014: 1, tradução nossa).

Referências

CARVALHO, José Jorge de. “Uma visão antropológica do esoterismo e uma visão esotérica da antropologia”. In: *Série Antropologia*, nº 406. Brasília: Depto. de Antropologia/Universidade de Brasília, 2006.

CHIESA, Gustavo Ruiz. Ectoplasma: borrando as fronteiras entre matéria e espírito. ANAIS DA 29ª REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 2014. Disponível em:

<http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1400465530_ARQUIVO_PaperEctoplasma.pdf >. Acesso em: 19/08/2016.

ESPÍRITO SANTO, Diana; BLANES, Ruy. “Introduction: On the Agency of Intagibles”. In: _____. *The Social Life of Spirits*. Chicago: University of Chicago University Press. pp. 1-32.

GOLDMAN, Marcio. “Formas de saber e modos do ser: observações sobre multiplicidade e ontologia no candomblé”. *Religião e Sociedade*, 25 (2): 102-120, 2005. INGOLD, Tim. Materials against materiality. *Archaeological Dialogues*, 14(1): 1-16, 2007.

MEYER, Birgit. “Mediation and the genesis of presence: toward a material approach to religion”. *Religion and Society: Advances in Research*, 5: 205-230, 2014.

RABELO, Miriam. “A possessão como prática: esboço de uma reflexão fenomenológica”. *Mana*, 14(1): 87-117, 2008.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Fontes:

ARMOND, Edgard. *Passes e Radiações*. São Paulo: Editora Aliança, 1999. BRENNAN, Barbara Ann. *Mãos de Luz*. São Paulo: Editora Pensamento, 2006. DAVID. Entrevista. [dez. 2015]. Entrevistador: Lucas Gonçalves Brito. Goiânia, 2015. IRIEL. Entrevista. [ago. 2016]. Entrevistador: Lucas Gonçalves Brito. Goiânia, 2016. LIPTON, Bruce. *A biologia da crença*. São Paulo: Butterfly, 2007.

PASTORINO, C. Torres. *Técnica da Mediunidade*. 1969.

VITÓRIA. Entrevista. [ago. 2016]. Entrevistador: Lucas Gonçalves Brito. Goiânia, 2016.